



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA EXTERNA 2018 – MOBEX 2018

EDITAL Nº 4 – COPERPS, DE 06 DE JUNHO DE 2018

5 de agosto de 2018

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Artes Visuais; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Dança; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Portuguesa; Música; Produção Multimídia; Museologia e Teatro.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTE.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este **Boletim** contém a **PROVA OBJETIVA**.
- 3 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de Literatura, 10 (dez) questões de Filosofia e 10 (dez) questões de História**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 9 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 11 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início às **14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às **16h30min** o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

Utilitarismo

Stuart Mill

1 Uma simples observação deveria bastar contra a confusão dos ignorantes que supõem que aqueles
2 que defendem a utilidade como teste do certo e do errado usam este termo no sentido restrito e meramente
3 coloquial em que o útil se opõe ao prazer. Devemos desculpas aos filósofos opositores do utilitarismo por
4 confundi-los, ainda que momentaneamente, com pessoas capazes de uma concepção tão absurdamente
5 errada; o que se torna ainda mais extraordinário na medida em que a acusação contrária, de remeter tudo
6 ao prazer, e isso da forma mais grosseira, é uma das mais comuns contra o utilitarismo ... Aqueles que
7 sabem um pouco sobre essa questão estão cientes de que todos os autores, de Epicuro a Bentham, que
8 defendem o princípio da utilidade o entenderam não como algo a ser contraposto ao prazer, mas sim como
9 o próprio prazer, juntamente com a ausência de dor. E ao invés de opor o útil ao agradável ou ao
10 ornamental, sempre declararam que o útil também significa essas entre outras coisas. E, contudo, o
11 rebanho, inclusive o “rebanho dos escritores”, não apenas em jornais e outros periódicos, mas em livros de
12 peso e pretensão, estão perpetuamente cometendo esse erro superficial. Tomam a palavra utilidade e não
13 sabem sobre ela nada além de seu som. Habitualmente, expressam por meio dela a rejeição, ou o descuido,
14 do prazer em algumas de suas formas: a beleza, o ornamento, a diversão. E o termo não é apenas mal
15 aplicado por ignorância em sentido depreciativo, mas ocasionalmente até mesmo como um cumprimento,
16 como se significasse algo de superior à frivolidade ou aos meros prazeres momentâneos. Este uso
17 pervertido é o único pelo qual essa palavra é popularmente conhecida, e é desse uso que a nova geração
18 está adquirindo seu único entendimento desta palavra.

19 O credo que aceita como fundamento da moral o Útil ou o Princípio da Máxima Felicidade,
20 considera que uma ação é correta na medida em que tende a promover a felicidade, e errada quando tende
21 a gerar o oposto da felicidade. Por felicidade entende-se o prazer e a ausência da dor; por infelicidade, dor
22 ou privação do prazer. Para proporcionar uma visão mais clara do padrão moral estabelecido por essa
23 teoria, é preciso dizer muito mais; em particular, o que as ideias de dor e prazer incluem e até que ponto
24 essa questão fica em aberto. Mas as explicações suplementares não afetam a concepção de vida em que
25 essa teoria da moral se fundamenta: a saber, que o prazer e a ausência de dor são as únicas coisas
26 desejáveis como fim, e que todas as coisas desejáveis (que são numerosas no esquema utilitarista, como
27 em qualquer outro) o são ou porque o prazer é inerente a elas, ou porque consistem em meios de promover
28 o prazer e evitar a dor.

29 De acordo com o Princípio da Máxima Felicidade, explicado anteriormente, o fim último, com
30 referência ao qual todas as coisas são desejáveis (seja quando consideramos o nosso próprio bem ou o
31 de outras pessoas), traduz-se em uma existência livre, tanto quanto possível, de dor e o mais rica possível
32 em prazeres, tanto em relação à quantidade como à qualidade. O teste da qualidade e a medida pela qual
33 a compararmos à quantidade consistem na preferência daqueles que em suas oportunidades de
34 experimentar, à qual devem ser acrescentados seus hábitos de autoconsciência e de autoinspeção, são
35 mais favorecidos com os meios de comparação. Sendo esta, de acordo com a opinião utilitarista, a
36 finalidade de toda ação humana, trata-se também necessariamente do padrão de moralidade, que pode
37 ser definido da seguinte maneira: as regras e preceitos para a conduta humana cuja observância garante
38 uma existência tal como descrevemos para toda a humanidade, devem também ser estendidos a todos os
39 seres da criação dotados de sensibilidade, conforme suas naturezas permitam.

40 Devo mais uma vez repetir (o que aqueles que atacam o utilitarismo raramente fazem a justiça de
41 reconhecer) que a felicidade que constitui o padrão do utilitarismo sobre o que é certo na conduta não é
42 apenas a satisfação do próprio agente, mas a de todos os envolvidos. Entre a sua própria felicidade e a
43 dos outros, o utilitarismo requer que a pessoa seja estritamente imparcial, como um espectador
44 benevolente e desinteressado. Na regra de ouro de Jesus de Nazaré podemos encontrar o espírito da ética
45 utilitarista em sua plenitude. Fazer aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito e amar o próximo
46 como a nós próprios constituem a perfeição ideal da moral utilitarista.

MARCONDES, D. Textos básicos de Ética – de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007 (adaptado).

1 O texto de Stuart Mill apresenta argumentos em defesa do(s)/da

- (A) filósofos opositores do utilitarismo.
- (B) prazer individual.
- (C) ética utilitarista.
- (D) concepção de utilidade do “rebanho de escritores”.
- (E) conceito de utilidade como oposto a prazer.



- 2 A teoria da moral que se fundamenta no princípio da utilidade postula que
- (A) a conduta correta é aquela que se abstém do prazer.
 - (B) as pessoas devem se preocupar apenas com a própria felicidade.
 - (C) beleza e diversão são conceitos que não se coadunam com o conceito de utilidade.
 - (D) felicidade é prazer e ausência da dor.
 - (E) as regras e os preceitos utilitaristas destinam-se apenas à conduta humana.
- 3 No trecho “...estão perpetuamente cometendo esse erro superficial” (linha 12), a expressão “erro superficial” se refere a/à(s)
- (A) defesa da utilidade como teste do certo e do errado.
 - (B) concepção de *útil* como oposto a *prazer*.
 - (C) desculpas aos filósofos opositores do utilitarismo.
 - (D) estar ciente do que autores como Epicuro e Bentham defenderam.
 - (E) confundir os filósofos com pessoas capazes de uma concepção errada.
- 4 A palavra “*credo*” (linha 19) tem o significado de
- (A) profissão de fé.
 - (B) conjunto de princípios.
 - (C) opinião arraigada.
 - (D) oração católica.
 - (E) crença religiosa.
- 5 Na forma verbal “*traduz-se*” (linha 31), a partícula reflexiva “*se*” se refere a
- (A) bem.
 - (B) coisas.
 - (C) referência.
 - (D) fim último.
 - (E) princípio da máxima felicidade.
- 6 Nos trechos “*O teste da qualidade e a medida pela qual a comparamos à quantidade...*” (linhas 32 e 33) e “*... as regras e preceitos para a conduta humana cuja observância garante uma existência ...*” (linhas 37 e 38), os pronomes “*a*” (em destaque) e “*cuja*” referem-se, respectivamente, a
- (A) quantidade e conduta humana.
 - (B) qualidade e regras e preceitos.
 - (C) medida e conduta humana.
 - (D) qualidade e observância.
 - (E) quantidade e regras e preceitos.
- 7 A vírgula foi empregada para indicar a supressão de uma palavra anteriormente utilizada em
- (A) “*Habitualmente, expressam por meio dela a rejeição...*” (linha 13)
 - (B) “*Por felicidade entende-se o prazer e a ausência da dor; por infelicidade, dor ou privação do prazer*”. (linhas 21 e 22)
 - (C) “*De acordo com o Princípio da Máxima Felicidade, explicado anteriormente,...*” (linha 29)
 - (D) “*Sendo esta, de acordo com a opinião utilitarista, a finalidade de toda ação humana...*” (linhas 35 e 36)
 - (E) “*Entre a sua própria felicidade e a dos outros, o utilitarismo requer que a pessoa seja estritamente imparcial...*” (linhas 42 e 43)



- 8 A palavra *termo* no trecho “*E o termo não é apenas mal aplicado por ignorância em sentido depreciativo ...*” (linhas 14 e 15) se refere a
- (A) rejeição.
 - (B) diversão.
 - (C) beleza.
 - (D) prazer.
 - (E) utilidade.
- 9 A conjunção “*mas*” no trecho “*... a felicidade que constitui o padrão do utilitarismo sobre o que é certo na conduta não é apenas a satisfação do próprio agente, mas a de todos os envolvidos.*” (linhas 41 e 42) confere à oração que ela encabeça um sentido
- (A) alternativo.
 - (B) adversativo.
 - (C) aditivo.
 - (D) conclusivo.
 - (E) conformativo.
- 10 É correto afirmar que a crítica feita ao utilitarismo decorre da(s)
- (A) não aceitação do credo utilitarista.
 - (B) diferentes concepções do conceito de felicidade.
 - (C) discordância em relação à finalidade da ação humana.
 - (D) incompreensão do conceito de utilidade como concebido pela ética utilitarista.
 - (E) extensão das regras e preceitos de conduta a todos os seres da criação.

LITERATURA

11 Leia os textos seguintes.



RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
(...)

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos textos acima, é correto afirmar que

- (A) ambos os textos tratam de formas diferentes do mesmo assunto e com a mesma linguagem.
- (B) apesar de ambos tratarem do mesmo assunto, somente o segundo pode ser classificado como texto literário.
- (C) ambos são textos literários e tematizam o conflito entre o Ano Novo e o Novo Ano.
- (D) apesar de serem distintos, sobressai o caráter não literário.
- (E) apesar de tratarem do mesmo assunto, há uma grande contradição entre as duas visões sobre o Ano Novo.



12 Leia o texto abaixo.

JOGO DO AMOR

Olha aonde eu vim parar
Mais uma vez, o coração se apaixonou pela pessoa errada
Mas como eu ia imaginar
Que no lugar do coração da princesinha não existia nada?

Tudo bem (tudo bem)
Você tá me ensinando mesmo sem saber
E é com teu desprezo que eu vou te esquecer
Espera mais um pouco e tu vai ver

O amor que eu sinto por você
Nada disso você deve entender
O teu jogo eu sei jogar, mas nunca vou ganhar
Porque você não sabe o sentido de amar
(MC Bruninho)

O Funk é uma expressão da cultura musical contemporânea, mas o tema do amor está presente na literatura desde suas primeiras expressões. Identifique nos fragmentos dos poemas medievais o que melhor traduz o *jogo do amor*, de MC Bruninho:

- (A) Deus, meu senhor, se **vus prouguer'** (visto com orgulho)
vos me tolhede este poder
que eu ei de muito viver;
ca, mentr' (eu tal poder ouver' (a menos que eu possa ouvir)
de viver, nunca perderei
esta coita que **og'** (hoje) eu ei
d' amor eno meu coraçõn
- (B) Senhor fremosa, **grand' enveja** (grande inveja) ei
eu a **tod' ome** (todo homem) que vejo morrer;
e, segund' ora o meu conhocer
enquant' est' é, faço mui gran razon,
ca ei por vos eno meu coraçõn
tan gran cuita, (grande sofrer) que mil vezes me ten,
senhor, sen fala e sen todo sen:
e non vus queredes de min doer!
- (C) Mais pero, enquant' eu viver',
sempre a ja mais amarei
d' outra cousa, e rogarei,
o mais que eu poder' rogar,
a Deus que **el mi-a leixe oïr** (me deixe ouvir)
falar e **mi-a leixe veer** (me deixe ver);
- (D) E se est om', a que Deus quer
per **algũa** (alguma) ventura dar
d' ela algun ben, **log' a cuidar** (logo a cuidar)
dev' esto (**se scient' ouver'**) (com pensamento aberto)
ca inda o á de perder,
e creio que dev' a morrer,
se o cuidar', **con pesar én** (com grande sofrimento).
- (E) Como vos sodes, mia senhor,
mui quite (muitas vezes) de me ben fazer,
assi m' ar quit' (em outras vezes) eu de querer
al ben, enquant' eu vivo for',
se non vos. E sei **ũa ren** (uma coisa):
se me vos non fazedes ben,
nen eu non vus faço prazer.



13 Leia o texto seguinte.

Os Lusíadas (Inês de Castro)

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

(Luis de Camões)

Com base no texto acima, referente ao episódio de Inês de Castro presente em *Os Lusíadas*, depreende-se que

- (A) na literatura portuguesa a primeira expressão do amor trágico é o drama de Inês de Castro.
- (B) Camões faz uma crítica à figura de Inês de Castro.
- (C) Camões desconstrói o drama de Inês de Castro.
- (D) Camões trata a passagem acerca do drama vivido por Inês de Castro como um momento lírico fundamental de *Os Lusíadas*.
- (E) Camões revela o drama de Inês de Castro de forma cômica.



14 Leia o texto abaixo.

— **Inês, Inês, quem sobrevive, quem,**

nos filhos que fábrica?

ut — re — mi — tílias ao vento soltas sussurrando —

— Lídia, a geração dos homens, folhas, folhas,

há-de passar na brisa:

Hino ouvido entre neves:

ulti ... multi ... venturas, aventuras,

vento ululando, vento urrando — vê,

multidões precipitam-se:

“till Death doth us part”: até que a Morte, a Idade,

Idade nos separe: gerações, orações, berrações,

oh in — ut — ilidade, Inês, quem vive,

sobre que filhos, sobre que folhas?

Ouve, repara, ávida Lídia, os sinos,

os fabricados sinos se partiram,

os generados filhos se quebraram,

todos falhamos, tudo,

ai todos farfalhamos, sinos, folhas:

As fabulosas naves passam prenhes.

Os fenecidos anos voltam secos.

Degenerados, regenerados?

Inês, Lídia — passamos.

(Mário Faustino)

A *Inês de Castro* apresentada por Mário Faustino

- (A) enaltece seu poder materno por ser responsável pelos “filhos que fabrica?”.
- (B) retoma as tradições do casamento quando anuncia: “até que a Morte, a Idade,/Idade nos separe: gerações, orações, berrações”.
- (C) aponta o sofrimento dos filhos diante da morte do pai ao anunciar que “os fabricados sinos se partiram,/os generados filhos se quebraram”.
- (D) confunde o leitor ao trazer Inês e Lídia como se fossem uma só pessoa.
- (E) destaca a atualização do drama da rainha morta, em uma forma moderna de abordagem do tema.



- 15 Assinale o texto que propõe, apesar de tanto tempo depois da publicação de *Iracema* de José de Alencar, uma descrição da personagem nos moldes desse romance.
- (A) Iracema,
a virgem
dos lábios de mel, que tinha os cabelos
mais negros
que a asa da graúna
e mais longos
que seu talhe de palmeira.
(Valdeir Rocha)
- (B) Lá nas matas de Oxóssi
Eu vi Iracema cantar
Entoou seu canto sereno
Junto com os cantos dos pássaros
Ecoou por toda floresta
A delicadeza da cabocla
(Francisco Dellanno)
- (C) Iracema, eu nunca mais que te vi
Iracema meu grande amor foi embora
Chorei, eu chorei de dor porque
Iracema, meu grande amor foi você
(Adoniram Barbosa)
- (D) Marco o passo nesse chão
Herança dos meus ancestrais
Guerreiros imortais
Dou minha vida por meu grande amor
Beija-flor
(Wagner Mariano)
- (E) Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
(Chico Buarque)

- 16 Quando se pensa no realismo brasileiro, depara-se com a escritura de Machado de Assis, que desafia seu tempo, como se percebe no fragmento abaixo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

CAP. XLV — NOTAS

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam. Lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

Assinale o aspecto do fragmento acima que revela a genialidade do autor.

- (A) Machado cintila traços modernos quando promove no romance passagens em que a narração contínua passa a descontínua, como em “um simples inventário, eram notas(...) para um capítulo triste e vulgar”.
- (B) Machado, por ser realista, se apegava a questões religiosas e práticas relacionadas à cena do enterro de sua mãe, pois tinham “alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo”.
- (C) Machado aprofunda o sofrimento romântico ao considerar “não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família”.
- (D) Machado incorpora como novidade no seu texto a descrição objetiva pertinente aos simbolistas, como em “Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais”.
- (E) Machado, diante da morte do pai de Brás, expressa a dificuldade do narrador em lidar com a perda e por isso nos apresenta “um capítulo triste e vulgar que não escrevo”.



- 17 Ao ler o conto *Embargo*, de José Saramago, vê-se uma importante reflexão sobre a condição humana e seu desalento. Assinale o fragmento que expressa claramente tal reflexão.
- (A) Hora e meia mais tarde estava a atestar, e três minutos depois arrancava. Um pouco preocupado porque o empregado lhe dissera, sem qualquer expressão particular na voz, de tão repetida a informação, que não haveria ali gasolina antes de quinze dias.
- (B) Rua acima, o automóvel arrancou, raspando o asfalto como um animal de cascos, triturando o lixo espalhado. O conta-quilômetros deu um salto repentino para 90, velocidade de suicídio na rua estreita e ladeada de carros parados.
- (C) A estrada transformava-se num simples caminho, que adiante, a cada momento, parecia que se perdia entre pedras. Onde estava o mundo? Diante dos olhos eram serras e um céu espantosamente baixo. Ele deu um grito e bateu com os punhos cerrados no volante. Foi nesse momento que viu que o ponteiro do indicador da gasolina estava em cima do zero.
- (D) Quando a mulher tornou a descer, o automóvel já desaparecera e o rato escorregara da berma do passeio, enfim, e rolava na rua inclinada, arrastado pela água que corria dos algerozes. A mulher gritou, mas as pessoas tardaram a aparecer e foi muito difícil de explicar.
- (E) O que estava a passar-se era absurdo. Nunca ninguém ficara preso desta maneira no seu próprio carro, pelo seu próprio carro. Tinha de haver um processo qualquer de sair dali. A força não podia ser. Talvez numa garagem? Não. Como iria explicar? Chamar a polícia? E depois?
- 18 Leia os seguintes fragmentos das obras *As Margens da Alegria* e *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa

V – (As Margens da Alegria)

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso.

Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica. Mas foi, depois do jantar. E — a nem espetaculosa surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grugulhar grufu, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englobo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam. Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era já o vir da noite.

Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.

Mas o peru se adiantava até a beira da mata. Ali adivinhara o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O menino se doía e se entusiasmava.

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentida o peru até ali viera, certo, atraído.

Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria.

(A terceira margem do rio)

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Guimarães Rosa, tanto em *As Margens da Alegria* quanto em *A terceira margem do rio*, apresenta personagens infantis, que se diferenciam porque

- (A) uma criança é do campo e a outra é da cidade.
- (B) uma mora à beira do rio e a outra em um centro urbano.
- (C) uma sofre pela frustração com a cidade e a outra, pela ausência do pai.
- (D) uma é branca e a outra é negra.
- (E) uma tem pai e a outra não tem.



19 Leia o poema seguinte.

FONÓGRAFO

Vai declamando um cômico defunto.
Uma platéia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó, - do anacrônico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua.
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul, - extatica corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de oiro - o cheiro de junquinhos,
Vivido e agro! - tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebra-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

No poema *Fonógrafo*, de Camilo Peçanha, para além das relações com a musicalidade, encontra-se

- (A) uma análise de como os simbolistas pensam a vida do século XX.
- (B) o debate sobre as mudanças de lugar por onde o eu-lírico precisa passar.
- (C) um eu-lírico que conflita com o passado diante dos dilemas sobre a vida e a morte.
- (D) uma contraposição dos conflitos da alma humana após a morte.
- (E) o uso das imagens lunares para criticar a transcendência da alma.

20 Leia o poema abaixo.

Beijo Eterno

Diz tua boca: "Vem!"
"Inda mais!" diz a minha, a soluçar...Exclama
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:
"Morde também!"
Ai! morde! que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,
Morro por teu amor!

Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor

(Castro Alves)

A estética romântica apresenta formulações diferentes sobre o amor e, com isso, as percepções sobre as ações amorosas, como o beijo, também são diferentes. Com base na leitura do fragmento acima é correto afirmar que se trata de um poema

- (A) da primeira geração, pois tem-se uma clara declaração de amor.
- (B) da segunda geração, por tratar-se de um amor lascivo e real.
- (C) condoreiro, pois a mulher alça voos em torno do prazer.
- (D) da terceira geração, pois o prazer carnal é bastante valorizado.
- (E) da segunda geração que leva o amor ao ápice, com o eu lírico vivendo em função desse amor.



FILOSOFIA

- 21 “‘Ciência normal’ significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior”.

(KUHN, *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo: Ed. perspectiva, 1975, p. 29)

Kuhn entende por “ciência normal” uma

- (A) prática própria do período pré-paradigmático, no qual os fundamentos de um campo de estudo ainda não estão estabelecidos.
- (B) investigação que mantém uma atitude vigilante e crítica em torno das teorias produzidas de modo a identificar as teorias falsas.
- (C) pesquisa que se desenvolve à luz de uma pluralidade de modelos teóricos incomensuráveis entre si.
- (D) investigação que visa a descobertas de novos paradigmas para norteá-la na medida em que seus fundamentos precisam ser atualizados.
- (E) pesquisa norteada por um único paradigma, consensualmente aceito pelo grupo científico, que estabelece os parâmetros para a sua prática.

- 22 “Quem quer, portanto, que, saindo de um estado de natureza, entra para uma comunidade deve entender-se ter abandonado todo o poder necessário aos fins para os quais se uniram em sociedade [...]. E isto se consegue concordando simplesmente em unir-se em uma sociedade política, no que consiste todo pacto que existe ou deve existir entre os indivíduos que entram em uma comunidade ou a constituem”

(LOCKE, *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Abril cultural, 1978, p. 72).

Para Locke, o homem usufruía de determinados poderes no estado de natureza, aos quais tem que necessariamente renunciar ao ingressar em uma sociedade política. Quanto a esses poderes, analise as afirmativas seguintes.

- I Elaborar as leis juntamente com outras pessoas da comunidade e pô-las em prática.
- II Punir o infrator da lei, de acordo com as regras da própria lei natural.
- III Fazer o que julgar conveniente para a própria preservação e dos demais homens dentro do que permite a lei da natureza.
- IV Tomar decisões, no que diz respeito a fazer a guerra e manter a paz, acordos e alianças e todas as transações que se fizerem necessárias para que a comunidade mantenha seu território.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, somente.
- (B) II e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.



- 23 Objetos semelhantes estão sempre conjugados a objetos semelhantes; disso temos experiência. Podemos, portanto, em conformidade com essa experiência, definir uma causa como *um objeto, seguido de outro, tal que todos os objetos semelhantes ao primeiro são seguidos por objetos semelhantes ao segundo*. Ou, em outras palavras, *tal que, se o primeiro objeto não existisse, o segundo jamais teria existido*. O aparecimento de uma causa sempre conduz a mente, por uma transição habitual, à ideia do efeito; disso também temos experiência. Em conformidade com essa experiência, podemos, portanto, formular uma outra definição de causa e chamá-la *um objeto seguido de outro, e cujo aparecimento sempre conduz o pensamento àquele outro*.

(HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004, p. 115).

Sobre a relação de causa e efeito para Hume, analise as afirmativas seguintes.

- I Nasce inteiramente da experiência, quando descobrimos que os objetos particulares estão em conjunção uns com os outros.
- II Tudo o que a experiência nos revela acerca desta relação é uma conjunção constante entre fenômenos, e não uma conexão necessária que chamamos de causalidade.
- III Não se obtém, em nenhum caso, por meio de raciocínio *a priori*.
- IV Trata-se de uma relação necessária que tem sua origem na experiência, mas que só se torna inteligível pelo entendimento.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) I, II e IV, somente.

- 24 No prefácio da segunda edição da *Crítica da razão pura*, Kant compara a revolução que pretende empreender no âmbito da teoria do conhecimento à revolução que Copérnico realizou no âmbito da astronomia ao inverter o modelo tradicional de cosmo em que o Sol girava em torno da Terra, pelo da Terra girando em torno do Sol.

Em sua revolução copernicana, Kant considerou que

- (A) o sujeito é que se orienta pelo objeto e não o objeto que é determinado pelo sujeito.
- (B) os objetos só podem ser conhecidos de forma *a priori*, ao contrário dos empiristas, que os conheciam *a posteriori*.
- (C) o conhecimento não se regula pelos objetos, como supôs a tradição, mas sim os objetos que se regulam pelo nosso conhecimento.
- (D) conhecemos apenas a coisa em si mesmo e não sua mera aparência.
- (E) o entendimento é a condição de possibilidade de todas as nossas intuições.

- 25 “Tomemos, por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza são patentes; é duro, frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo encontram-se neste. Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor exala-se, o odor se evanesce, sua cor se modifica: sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele batamos, nenhum som produzirá. A mesma [cera] permanece após essa modificação? Cumpre confessar que permanece: e ninguém o pode negar.”

(DESCARTES, R. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 147)

Com base no exemplo citado, é correto afirmar que, para Descartes, o que se conhece de um corpo com clareza e distinção é/ são

- (A) a extensão como característica essencial, que só pode ser apreendida pelo entendimento.
- (B) a sua matéria e forma, percebidas pelos sentidos e pela imaginação.
- (C) seus caracteres físicos e as transformações que ele sofre, apreendidas pelos sentidos.
- (D) as qualidades secundárias dadas a nossa percepção ou produzidas pela nossa imaginação.
- (E) sua aparência exterior, perceptível pelos sentidos, visto que a sua essência não pode ser conhecida.



- 26 “A cada termo conceitual e nome próprio corresponde, em regra, um sentido e uma referência, na acepção em que emprego estes termos. Na poesia, naturalmente, as palavras têm apenas sentido; na ciência, porém, e sempre que nos preocupa investigar a verdade, não nos contentaremos com o sentido, mas também associaremos aos nomes próprios e aos termos conceituais uma referência.”

(FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*, São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, p. 107).

Para Frege, a referência de um nome próprio é o

- (A) pensamento, a ideia que ele expressa.
(B) seu modo de uso determinado pelas regras da linguagem.
(C) objeto que ele designa ou nomeia.
(D) modo de apresentação do objeto.
(E) que determina sua verdade.
- 27 “Ora, todos os imperativos ordenam ou hipotética ou categoricamente. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se quer (ou que é possível que se queira). O imperativo categórico seria aquele que nos representasse uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade”

(KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 124-125)

Sobre o imperativo categórico para Kant, considere as afirmativas abaixo.

- I Indica apenas que a ação é boa em vista de qualquer intenção possível ou real.
II Declara a ação como objetivamente necessária por si, independentemente de qualquer finalidade.
III Apresenta uma ação como necessária para alcançar um certo fim.
IV Trata-se do imperativo da moralidade, que enuncia a forma geral das ações morais.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e III, somente.
(B) I e IV, somente.
(C) II e III, somente.
(D) II e IV, somente.
(E) I, III e IV, somente.
- 28 Além disso, uma coisa bela – seja um animal seja toda uma ação –, sendo composta de algumas partes, precisará não somente de as ter ordenadas, mas também de ter uma dimensão que não seja ao acaso: a beleza reside na dimensão e na ordem e, por isso, um animal belo não poderá ser nem demasiado pequeno (pois a visão confunde-se quando dura um espaço imperceptível de tempo), nem demasiado grande (a vista não abrange tudo e, assim, escapa à observação de quem vê a unidade e a totalidade), como no caso de um animal que tivesse milhares de estádios de comprimento. E assim, tal como em relação aos corpos e aos animais, é necessário que tenham uma dimensão que possa ser abrangida por um só olhar [...].

(ARISTÓTELES, *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 51/52)

De acordo com o texto, é correto afirmar que o belo, para Aristóteles,

- (A) é o que agrada sem ser possível estabelecer-se um conceito.
(B) é produto da experiência sensorial ou perceptiva.
(C) pressupõe uma medida padrão, geralmente definida pelo ângulo de nossa visão.
(D) é subjetivo, pois depende da perspectiva de quem olha.
(E) implica ordem, simetria de partes e determinação quantitativa.
- 29 Aristóteles define a verdade nestes termos: “Dizer do que é que ele não é e do que não é que ele é, é o falso; dizer do que é que ele é e do que não é que ele não é, é o verdadeiro”

(ARISTÓTELES, *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 179)

Sobre a verdade para Aristóteles, é correto afirmar que

- (A) se refere à precisão e ao rigor do que se diz.
(B) consiste na adequação ou correspondência entre o que se diz e a coisa.
(C) expressa a coerência entre as proposições e as nossas crenças acerca das coisas.
(D) estabelece uma relação entre a essência e a existência das coisas.
(E) depende da validade lógica dos argumentos.



- 30 Eles [os produtos culturais] são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente. É uma tensão tão automática que não há sequer necessidade de ser atualizado a cada caso para que reprima a imaginação. Aquele que se mostra de tal forma absorvido pelo universo do filme — pelos gestos, imagens, palavras — a ponto de não ser capaz de lhe acrescentar aquilo que lhe tornaria um universo, não estará, necessariamente por isso, no ato da exibição, ocupado com os efeitos particulares da fita. Os outros filmes e produtos culturais, que necessariamente deve conhecer, tornam-lhe tão familiares as provas de atenção requeridas que estas se automatizam. A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração.

(ADORNO, T. e Horkheimer, M. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e terra, 2002, p. 10)

Sobre os produtos culturais consumidos pelo espectador, de acordo com Adorno e Horkheimer, analise as afirmativas seguintes.

- I Atrofiam a imaginação e a espontaneidade do espectador.
- II São produzidos para serem consumidos até mesmo em situação de lazer.
- III Requerem a atenção e a capacidade de raciocínio do espectador para serem compreendidos.
- IV Produzem uma grande tensão no espectador que faz fruir sua capacidade de imaginação.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e IV, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) I, III e IV, somente.

HISTÓRIA

- 31 Em relação à formação social da Grécia, mais especificamente a Atenas, assinale a afirmativa correta.
- (A) A estrutura social em Atenas estava baseada nas categorias de: cidadãos atenienses, metecos e escravos. Havia uma elite política e intelectual que tinha sua riqueza pautada na posse de terra e que concentrava os cargos públicos mais elevados. Artesãos e pequenos proprietários de terra compunham a categoria de cidadãos e metecos.
 - (B) O meteco era o estrangeiro, livre, mas excluído da cidadania e sem direito às propriedades imóveis. Pagava impostos e necessitava de um tutor, em geral, um cidadão que se responsabilizasse por ele. Não tinha capital econômico e propriedades, vivendo apenas de sua força de trabalho.
 - (C) O escravo era uma mercadoria, podendo trabalhar para o Estado ou para particulares. Morava na casa de seu senhor ou trabalhava fora dela, dando-lhe parte do produto arrecadado do seu trabalho. A maioria dos escravos vivia nas cidades realizando todo tipo de atividade manual e serviços domésticos. Havia, ainda, aqueles que eram alugados para fazer tarefas em épocas de colheita ou realizar atividades rotineiras da faina rural.
 - (D) O Período clássico é marcado pela menor acentuação da divisão hierárquica da sociedade ateniense. A democracia se consolidou e, com ela, a valorização do trabalho manual realizado por escravos, metecos e cidadãos, dentro da lógica comunitária e do bem comum do pensamento de Aristóteles.
 - (E) O cidadão é um ser político que vive na comunidade política, a pólis, criando leis, realizando discursos, mas também valorizando e executando as atividades indispensáveis ao provimento de subsistência da vida, das atividades laborais rotineiras do cotidiano, prestigiando a sociabilidade do ser humano e a sua vida em comunidade.



32 “Os historiadores antigos basearam a história na verdade.”

(Le Goff, História & Memória, p. 114).

O trecho extraído da obra do historiador francês Jacques Le Goff destaca uma concepção de história construída por historiadores greco-romanos, enfatizando a legitimidade como ponto importante da historiografia clássica. Sobre essa perspectiva de história, é correto afirmar:

- (A) A História Augusta era um conjunto de biografias dos imperadores romanos, desde a ascensão de Adriano até as vésperas do governo de Diocleciano. A escrita dessa história foi marcada por erudição, precisão e verdade sobre as ações políticas dos governantes e pela descrição fiel da vida dos cidadãos e escravos.
- (B) A historiografia romana clássica, como na obra de Tito Lívio, baseava-se na análise das conjunturas sociais e políticas. Rompia com a ideia de grandes exemplos históricos. Negava o passado como inspirador para as ações no presente, pois cada ação pertencia ao seu próprio contexto.
- (C) Tácito seguia a tradição que escrevia a história romana valorizando as grandes batalhas, buscando uma história monumental, em que os valores como coragem e inteligência ganhavam destaque. Fugia da construção de uma história que evidenciasse grandes escândalos ou imoralidades que envolviam os imperadores. Era preciso fazer emergir apenas as qualidades positivas dos governantes, para que estas pudessem inspirar o povo.
- (D) A historiografia romana seguia a tradição grega, como em Heródoto, pois este privilegiava o testemunho ocular na composição da narrativa histórica, e negava uma história baseada apenas nos documentos escritos e orais.
- (E) Políbio valorizava a investigação das causas históricas, entretanto avaliava o testemunho dentro de uma ordem moral geradora da verdade e civilização de um povo. Assim, escolheu descrever a ascensão do Império Romano não apenas em si mesma, mas como algo moralmente justo.

33 «Deus criou as pessoas vulgares para lavrar a terra e procurar, graças ao comércio, as comodidades necessárias à vida; criou o clero para os trabalhos da religião; os nobres para cultivarem a virtude e manterem a justiça, de forma que as ações e a moral destas distintas pessoas sejam um modelo para as outras»

(Georges Chastellain, séc. XV).

Quanto à igreja católica no mundo medieval ocidental, é correto afirmar que

- (A) exerceu, a partir do ano mil, um importante papel no crescimento econômico medieval. De algum modo, isto ocorreu por ter acumulado recursos na Alta Idade Média, podendo, com isso, financiar a construção de obras como mosteiros ou catedrais.
- (B) combateu, ao longo dos séculos XI-XII, as ações dos mercadores, fortalecendo o preconceito que a classe senhorial tinha em relação aos comerciantes.
- (C) não se adequou à nova realidade na Baixa Idade Média e representou uma poderosa barreira ideológica para o desenvolvimento das relações monetárias e comerciais.
- (D) combateu no século XI o surgimento de ordens monásticas que louvassem o trabalho manual, ou que organizassem novas formas de atividades econômicas, de cultivo da terra e de pecuária.
- (E) confirmou em fins do século XIII sua supremacia religiosa na Europa, apoiando a busca dessa hegemonia em ações pacíficas e missionárias.

34 A vida urbana na Europa entre os séculos X-XIII modificou-se porque

- (A) houve uma contração da vida urbana, traduzida na diminuição da população e da importância política das cidades. Seus habitantes, por sua vez, levavam uma vida semirural no interior das muralhas, dedicando-se ao plantio e ao gado.
- (B) as cidades passam a exercer uma atração sobre a população do campo. Os camponeses encontram nas cidades uma fuga contra a exploração exercida pelos senhores do campo. Entretanto o senhorio urbano passava a explorar economicamente esses emigrantes.
- (C) as cidades, por meio de seus juristas e universitários, geraram uma série de leis que no final da Idade Média visavam a proteger os camponeses emigrados, dando-lhes cidadania e direito de voto.
- (D) não houve a construção de valores comuns aos moradores da cidade, nem mesmo pode-se associar a expansão da mentalidade urbana a um patriotismo cidadão.
- (E) houve crescimento econômico de cidades como Bruges, Veneza, Florença e Milão que se apoiou no incremento comercial marítimo e no rompimento das atividades e produtos baseados no entorno rural.



- 35 O fim do Feudalismo está associado à formação de amplos Estados territoriais, governados por monarquias absolutistas na Europa, ao longo dos séculos XV a XVII. Sobre esse processo de formação dos Estados nacionais, suas teorias e as tensões políticas desse período, é correto afirmar:
- (A) Uma das primeiras aparições da palavra Estado está associada à obra *O Príncipe* (1513), de Maquiavel. Para este pensador florentino, a ética na política deveria ocorrer com vistas aos valores individuais, sendo imorais as ações que prejudicassem o indivíduo e morais aquelas que lhe seriam úteis. Desse modo, Maquiavel apoia a imoralidade na política e a eficácia pautada em critérios individuais em detrimento dos coletivos.
 - (B) Hobbes é um dos principais ideólogos do Estado moderno. Defendia a teoria do direito divino em detrimento do primado da política, ou seja, os indivíduos deveriam obedecer às ordens divinas a fim de sair do estado de natureza. No Estado hobbesiano, os súditos deveriam abnegar de seus direitos naturais e da paixão, a fim de apoiar-se no poder divino que teria a capacidade de punir e fazer vigorar a ordem e o contrato pela paz.
 - (C) Na história do pensamento político, Bodin é o teórico da soberania, que pensa o Estado como a instituição pública por excelência, de onde emana o poder político exercido pelo soberano que deve ser limitado pelo governo, em que o exercício do poder ocorre de forma democrática e liberal.
 - (D) O Absolutismo é comumente associado a um sistema político pautado no poder centralizado, em que o detentor do poder o exerce sem controle de outros poderes externos ou internos. O Absolutismo está ligado às transformações políticas e econômicas do despotismo fundamentado na autonomia financeira, na formação de um exército permanente e na burocracia.
 - (E) A Revolução Inglesa do século XVII, entre os anos de 1640 a 1660, foi um movimento social em que a igreja, a pequena nobreza e a massa da população se opuseram à classe mercantil e à alta nobreza, restaurando o governo absoluto do monarca e retardando as bases econômicas e políticas do que viria a ser a revolução burguesa na Inglaterra.
- 36 A palavra *descobrimento* é um equívoco e deve ser evitada, pois só se descobre uma terra que não é habitada, o que não era o caso da América. Portanto *descobrimento* é uma expressão imperialista muito utilizada para se referir à expansão marítima ou conquista, que teve lugar no início da era moderna. Sobre esse período histórico, é correto afirmar:
- (A) No caso português, a expansão marítima e comercial resultou na ação combinada do Estado e da Igreja. A Coroa portuguesa injetou recursos próprios, exércitos e patrocinou várias viagens de exploração ao Atlântico, em detrimento dos interesses da classe mercantil, que tinha na indústria a base de sua riqueza.
 - (B) O Mercantilismo, que se constituiu em um conjunto de medidas econômicas que floresceram na Europa a partir do século XVI, pautava-se na aliança entre os setores do comércio e do Estado. Estava associado à industrialização, à não intervenção do Estado na economia, conhecida como política do *Laissez faire*, desenvolvida no pensamento de Adam Smith.
 - (C) A presença de viajantes, exploradores e missionários forneceu as primeiras imagens das sociedades indígenas para a Europa, carregadas de representações exóticas e selvagens. Assim, a expressão "índio" foi utilizada para nomear as diversas etnias que viviam na América e que se encontravam em formações econômicas e sociais semelhantes entre si.
 - (D) A delimitação da porção territorial portuguesa, através do tratado de Tordesilhas, de algum modo, contribuiu com o fato de que as nações litorâneas de língua guarani, principalmente Tupi, formassem as primeiras imagens descritas pelos europeus sobre os povos do território brasileiro. Homens nus e pardos, descritos por Pero Vaz de Caminha, juntamente com a antropofagia, destacada pelo navegador florentino Américo Vespúcio, foram algumas das imagens iniciais construídas que justificavam a conquista e a exploração dos nativos.
 - (E) A igreja católica não participou ativamente da expansão comercial e da colonização. Embora as ordens religiosas atuassem no processo de educação formal, catequese e conversão dos novos povos, a igreja católica não realizou ações que interferiram na ordenação política da expansão marítima e colonizadora de portugueses e espanhóis.



- 37 O tráfico de escravos é apenas um aspecto da História da África, embora sua posição na ordem econômica mundial, na diáspora africana e na organização social e política dos países africanos acentue sua importância na história daquele continente. Neste sentido, sobre o tráfico de escravos na África, é correto afirmar:
- (A) O sistema geoeconômico orientado para o Atlântico, e que triangulava a Europa, a América e a África, tinha no comércio do ouro e do tráfico de escravos suas principais mercadorias. Nos séculos XV e XVI, a maior parte dos escravos vinha da África ocidental, da área da Senegâmbia, sua captura e venda contava com o apoio dos chefes e mercadores locais, sendo a Europa e as Ilhas do Atlântico um dos principais mercados desse comércio naqueles séculos iniciais.
 - (B) A penetração do tráfico de escravos na área do Congo e de Angola apoiou-se na demanda da colonização e da exploração da América, gerando renda aos mercadores, embora os aristocratas e a própria Coroa Portuguesa e de Castela não se beneficiassem diretamente do tráfico, ficando a renda nas mãos dos traficantes ilegais.
 - (C) Desde o século XVI, potências como França, Inglaterra e Holanda vão entrar em conflito com Portugal e Espanha pelo comércio de escravos. A partir daquele século, a maior parte das pessoas escravizadas vendidas na América passou a ser oriunda da África Oriental e do sul do continente africano.
 - (D) A criação de Companhias de Comércio que monopolizavam o mercado africano ocorreu em diversos países europeus. Por estarem estreitamente associadas ao comércio, essas Companhias não atuavam na promoção e na construção de feitorias europeias na África, fragilizando a presença dos países europeus no continente africano no século XVII.
 - (E) A maior parte do comércio realizado entre os comerciantes brancos e os soberanos e negociantes negros de escravos ocorria na costa do continente africano; desse modo, as áreas mais recuadas do interior do continente não sofreram os efeitos do tráfico de escravos, ficando ainda bem povoadas e com suas tradições mantidas.
- 38 Entre os anos de 1500 a 1800, grande parte da África sofreu mudanças em consequência das relações exteriores do continente, ocasionando transformações sociais importantes. Em relação a esse período, é correto afirmar:
- (A) O expansionismo português e espanhol gerou a economia de pilhagem, pautada na pirataria e nos tributos, que fortaleceu as cidades mercantis e a expansão dos portos africanos nas áreas próximas ao Mediterrâneo e ao Oceano Índico, que possuíam uma baixa produção agrícola e artesanal.
 - (B) As feitorias instaladas pelos países europeus eram centros industriais importantes, fruto de uma política de exportação e importação de produtos na África centro-ocidental que fortaleceu as antigas elites dirigentes e os negociantes autóctones.
 - (C) Novos Estados, concepções de Estado e sistemas de governos se formam nos séculos XVI e XVII, na Europa. Estados descentralizados, formados por uma aristocracia enfraquecida, e a desarticulação do tráfico de escravos geraram crise comercial e falta de moeda de ouro e prata.
 - (D) Trata-se de um período em que novas culturas alimentícias originárias da América foram introduzidas no continente africano, como o milho e a mandioca, fruto do comércio transatlântico, dando origem à agricultura no continente africano, que não havia tido uma agricultura expressiva até então.
 - (E) Houve uma intensa diáspora africana, com a presença de escravos negros em diversos continentes. Na América esta presença se fez sentir em diversas localidades, acompanhada da resistência traduzida em conspirações, fugas e revoltas escravas, nas quais a religiosidade, como o Obeah, o Vodou e o Islã, podia ganhar importante papel.



- 39 O descobrimento da América portuguesa foi marcado por um conjunto de representações acerca da vida, do homem, da natureza, da alteridade e do mundo. Estas representações normalmente significam
- (A) no caso português, o rompimento com as explicações mágicas e fantásticas do mundo. Como indício dessa ruptura, cita-se o declínio da Inquisição ao longo do século XVI.
 - (B) a chegada de avanços tecnológicos, como as caravelas, com sua navegação apoiada em cálculos precisos e observações astronômicas. Essas mudanças no saber técnico tiveram reflexo nas práticas cotidianas do povo comum português, que se afastou do magismo, tornando-se a ciência o campo privilegiado das explicações sobre a natureza.
 - (C) que, apesar do racionalismo que ganhava terreno na Europa, a descoberta da América também foi marcada pela preocupação com a difusão de sentimentos e de percepções religiosas, como o empenho catequético dos jesuítas e a presença da Inquisição portuguesa no Novo Mundo.
 - (D) um aumento do conhecimento e a perda de espaço da demonologia para a ciência moderna. O “diabo” deixa de ser ponto de apoio para a explicação do “outro”, em especial dos hábitos cotidianos que estavam associados diretamente aos ameríndios.
 - (E) que a Europa foi lançada na era da valorização da razão e do rompimento dos dogmas religiosos. O clero perdeu espaço de poder e os cientistas passaram a ditar o sentido da colonização da América.
- 40 Sobre escravidão na América portuguesa, é correto afirmar:
- (A) A exploração do pau-brasil no século XVI, o incremento da produção açucareira no século XVII e o avanço da extração de ouro no século XVIII tiveram como ponto comum a exploração da mão de obra escrava africana.
 - (B) Na administração pombalina, a América Setentrional teve sua economia reduzida ao extrativismo, que foi resultado da ausência de ações da Coroa portuguesa para inserção de escravos africanos na região.
 - (C) A região que atualmente se conhece como Nordeste concentrou a maior parte da escravaria de origem africana no Brasil, com destaque para as áreas de pecuária.
 - (D) Nas áreas com contornos urbanos do Brasil colonial, a mão de obra utilizada era livre, pois os escravos estavam circunscritos à produção agropastoril ou à exploração mineral.
 - (E) O paternalismo se instituiu como importante dimensão na relação entre senhor e escravo. Para além dos castigos físicos exercidos contra os escravos, houve uma série de negociações, resistências e obrigações entre proprietários e cativos.